



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS

HERICK DOUGLAS ALVES FEITOSA

**A IMPORTÂNCIA DO CONTATO PRÉVIO COM ALUNOS CEGOS E COM BAIXA  
VISÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE DOS ALUNOS DO CURSO DE LETRAS  
INGLÊS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

JOÃO PESSOA

2019

HERICK DOUGLAS ALVES FEITOSA

**A IMPORTÂNCIA DO CONTATO PRÉVIO COM ALUNOS CEGOS E COM BAIXA  
VISÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE DOS ALUNOS DO CURSO DE LETRAS  
INGLÊS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à  
Universidade Federal da Paraíba como parte dos  
requisitos necessários para a obtenção do Grau  
de Licenciado em Letras Inglês, sob orientação da  
Profa. Dra. Barbara Cabral Ferreira.

JOÃO PESSOA

2019

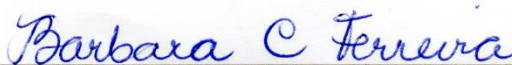
HERICK DOUGLAS ALVES FEITOSA

**A IMPORTÂNCIA DO CONTATO PRÉVIO COM ALUNOS CEGOS E COM BAIXA  
VISÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE DOS ALUNOS DO CURSO DE LETRAS  
INGLÊS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Licenciado em Letras Inglês.

Aprovado em 02 de maio de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Dra. Barbara Cabral Ferreira – UFPB  
Orientadora



Profa. Dra. Rosycléa Dantas Silva – UFPB  
Examinadora



Prof. Dr. Anderson Alves de Souza – UFPB  
Examinador

Prof. M.<sup>a</sup> Barthyra Cabral Vieira De Andrade – UFPB  
Suplente

Dedico este trabalho a todos que  
contribuíram direta ou indiretamente em  
minha formação acadêmica.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que contribuíram no decorrer desta jornada, em especial:

A Deus, que tem sido minha razão de viver, a inspiração para ser um docente relevante na formação de novos cidadãos.

A minha mãe, que sempre me apoiou nos meus estudos e nas escolhas por mim tomadas.

A minha orientadora, professora Barbara, que teve um papel fundamental na construção deste trabalho.

Aos meus colegas, pelo companheirismo e disponibilidade para me auxiliar em tantos momentos, inclusive na coleta de dados para minha pesquisa.

Aos professores da banca examinadora, pelos comentários e contribuições para esta pesquisa.

Por fim, a todos os desafios que eu venci para chegar até aqui. Eles construíram o docente que sou.

“For with GOD nothing shall be  
IMPOSSIBLE.”  
LUKE 1:37

## RESUMO

O presente trabalho trata sobre a importância do contato prévio de alunos de Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com alunos cegos e com baixa visão do Instituto de Cegos da Paraíba (ICP), tendo em vista que os alunos com deficiência visual são uma realidade dentro das escolas regulares, como assegurado pela Lei 7.853 de outubro de 1989. Dentro desse processo de contato com alunos cegos e com baixa visão, o Instituto de Cegos da Paraíba tem um papel fundamental, pois viabiliza aos professores em formação, não apenas o contato com esses alunos, mas também com materiais adaptados, visando ensiná-los a utilizar tais recursos em favor de um melhor ensino de língua inglesa para alunos cegos e com baixa visão. A pesquisa caracteriza-se como do tipo exploratória, de natureza quali-quantitativa, buscando analisar como tem sido o contato dos professores em formação do curso de Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba que estagiaram no Instituto de Cegos da Paraíba com os alunos cegos e com baixa visão, e também como esse contato prévio tem impactado na formação docente dos mesmos. Para tanto, foi feita uma revisão da literatura sobre o tema, com base em textos da Legislação brasileira (BRASIL, 1988; 1989; 2001; 2007), Dantas (2014), Fontana (2014) e Medrado (2014), seguida da aplicação de um questionário para professores em formação e recém-formados do curso de Letras Inglês da UFPB que estagiaram no ICP de 2016 a 2018. Os resultados mostram como é relevante esse contato entre professores em formação do curso de Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba com alunos cegos e com baixa visão do Instituto de Cegos da Paraíba e como essa experiência impactou em sua formação.

**Palavras-chave:** Inclusão; Alunos cegos e com baixa visão; Formação de professores.

## ABSTRACT

The present work deals with the importance of the previous contact of students of English letters of the Federal University of Paraíba (UFPB) with blind and low vision students of the Institute of Blinds of Paraíba (ICP), considering that students with visual impairment are a reality within the regular schools, as guaranteed by the Law 7.853 of October of 1989. Within this process of contact with blind and low vision students, the Institute of Blinds of Paraíba plays a fundamental role, since it enables the teachers in training, not only the contact with these students, but also with adapted materials, aiming to teach them how to use such resources in favor of a better teaching of English language for blind and low vision students. This research is characterized as exploratory type, of qualitative-quantitative nature, seeking to analyze how has been the contact of the teachers in the course of English letters of the Federal University of Paraíba who trained at the Institute of Blinds of Paraíba with the blind and low vision students, and also how this previous contact has impacted the teacher training of them. In order to do so, a review of the literature on the subject was made, based on the Brazilian Legislation (Brazil, 1988, 1989, 2001, 2007), Dantas (2014), Fontana (2014) and Medrado (2014) texts, followed by the application of a questionnaire to training teachers and recent graduates of the UFPB English language course, who have been practicing at the ICP from 2016 to 2018. The results show how relevant this contact between teachers in the English letter course of the Federal University of Paraíba with blind and low vision students of the Institute of Blinds of Paraíba and how this experience impacted on their graduation.

**Keywords:** Inclusion; Blind and low vision students; Teachers training.



## LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 – XVIII Encontro de Extensão (ENEX) da UFPB	12
Imagem 02 – Disciplinas optativas que tratam sobre inclusão	26
Imagem 03 – Ementa do Estágio Supervisionado I	27
Imagem 04 – Ementa do Estágio Supervisionado II	27
Imagem 05 – Ementa do Estágio Supervisionado III	28
Imagem 06 – Ementa do Estágio Supervisionado IV	28
Imagem 07 – Pergunta número 1 do questionário aplicado	32
Imagem 08 – Pergunta número 2 do questionário aplicado	33
Imagem 09 – Pergunta número 3 do questionário aplicado	34
Imagem 10 – Pergunta número 4 do questionário aplicado	34
Imagem 11 – Objetivos do curso de Letras Inglês presente no PPC de Letras Inglês (UFPB)	35
Imagem 12 – Pergunta número 5 do questionário aplicado	36
Imagem 13 – Pergunta número 6 do questionário aplicado	38
Imagem 14 – Pergunta número 7 do questionário aplicado	39
Imagem 15 – Pergunta número 8 do questionário aplicado	40
Imagem 16 – Pergunta número 9 do questionário aplicado	41
Imagem 17 – Pergunta número 10 do questionário aplicado	43
Imagem 18 – Pergunta número 11 do questionário aplicado	44

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	10
<b>2 A IMPORTÂNCIA DO CONTATO PRÉVIO COM ALUNOS CEGOS E COM BAIXA VISÃO</b>	15
2.1 A CONCIENTIZAÇÃO DA NECESSIDADE DO CONTATO PRÉVIO COM ALUNOS CEGOS E COM BAIXA VISÃO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE	15
2.2 A ESCOLA REGULAR E O INSTITUTO DE CEGOS DA PARAÍBA	18
2.3 A IMPORTÂNCIA DOS MATERIAIS DIDÁTICOS ADAPTADOS COMO AUXÍLIO PEDAGÓGICO NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA PARA ALUNOS CEGOS E COM BAIXA VISÃO	23
2.4 A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PARA O ENSINO INCLUSIVO NO CURSO DE LETRAS INGLÊS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA	26
<b>3 METODOLOGIA</b>	30
3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	30
3.2 UNIVERSO DA PESQUISA	30
3.3 INSTRUMENTO UTILIZADO E COLETA DE DADOS	31
<b>4 EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO E RECÉM-FORMADOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA NO PERÍODO EM QUE ESTAGIARAM COM ALUNOS CEGOS E COM BAIXA VISÃO NO INSTITUTO DE CEGOS DA PARAÍBA</b>	32
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	48
<b>REFERÊNCIAS</b>	51

## 1 INTRODUÇÃO

Alunos com deficiência são uma realidade nas salas de aula da educação básica regular, como assegura a Constituição Federal de 1988, quando determina que alunos com deficiência devem receber um ensino com “[...] igualdade de condições de acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1988). Logo, há uma necessidade de os professores em formação entrarem em contato com esses alunos previamente, ainda durante o curso de graduação, pois eles precisam aprender a lidar com esta situação nova e desafiadora que os espera no exercício de sua função, enquanto futuros educadores da educação básica.

Como pontua Dantas (2014), a educação para alunos com necessidades educacionais especiais é como um processo “social, cultural, político e pedagógico” (BRASIL, 2007). Ao longo dos anos, na história da educação no Brasil, os espaços da escola regular estão sendo abertos aos alunos com deficiência. Contudo, esse processo ainda caminha a passos curtos e lentos.

A formação docente apresenta grandes e vários desafios a serem vencidos. No que toca ao ensino de língua inglesa em escolas regulares, dentre esses vários desafios que o docente tem que enfrentar, está o ensino de inglês para alunos com necessidades educacionais especiais e, dentre esses alunos, encontram-se os alunos cegos e com baixa visão, foco do nosso trabalho. Portanto, é importante que, ainda durante sua formação, alunos do curso de Letras Inglês também tenham contato com esses alunos, que aprendam sobre deficiência visual e sobre uso de material e estratégias para ensinar inglês para eles.

Partindo do exposto, este trabalho traz uma amostra da realidade dos professores em formação no curso de Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba que realizaram seu estágio no Instituto de Cegos da Paraíba, no tocante ao contato prévio com alunos cegos e com baixa visão.

Partimos da hipótese de que este contato prévio, bem como o conhecimento e uso de materiais adaptados, do Braille, de aplicativos de leitura e objetos táteis, com os quais os eles têm contato durante o estágio no Instituto de Cegos da Paraíba, tem sido de grande relevância para a formação dos discentes de Letras Inglês e, portanto, temos, como objetivo geral do nosso trabalho analisar como tem sido este contato e como ele tem impactado na formação dos discentes de Letras Inglês.

Entendemos este contato prévio dos professores em formação com os alunos cegos e com baixa visão como importante desde o período em que atuamos como professor-estagiário no curso de extensão de língua inglesa da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), ofertado pelo Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas (DLEM) da UFPB, tanto para a comunidade acadêmica, quanto para a comunidade externa, e coordenado por professores desse departamento.

Enquanto professores-estagiários do curso de inglês da extensão da UFPB, tivemos acesso a formações específicas sobre ensino para alunos cegos e com baixa visão. Nessas formações, fomos apresentados a materiais adaptados, ao procedimento de transcrição/adaptação dos livros e materiais escritos para Braille, além de diferentes materiais/recursos e formas de trabalhar a leitura que podem ser utilizadas com alunos cegos e com baixa visão, inclusive, através do uso de aplicativos que viabilizam e tornam o acesso à leitura mais autônomo para esses alunos.

Essas formações, ministradas por professores capacitados e experientes na área de ensino do inglês para alunos cegos e com baixa visão, foram de suma importância para nossa formação e nos ajudaram bastante quando, em 2017, enquanto professores-estagiários do curso de extensão, tivemos uma aluna com baixa visão em nossas aulas.

Ter essa aluna em sala nos fez crescer como professor, visto que a prática da transcrição/adaptação de materiais para Braille e o planejamento de aulas heterogêneas, visando à inclusão de alunos videntes com alunos cegos e com baixa visão, era uma grande preocupação e exercício. Consequentemente, essa experiência resultou em crescimento pessoal e profissional e também em uma nova perspectiva profissional, do professor enquanto formador de ideias, entendendo que o nosso papel como professor também é trabalhar com os alunos a questão da cidadania. Formar cidadãos deve ser uma das preocupações do professor. Portanto, refletir sobre inclusão é parte importante desse processo de formação docente.

Essa experiência como professor-estagiário nos instigou e encorajou a analisar a importância do contato prévio de professores em formação com alunos cegos e com baixa visão. E, ainda enquanto professor-estagiário, participamos do XVIII Encontro de Extensão (ENEX) (UFPB, 2017, p. 06), apresentando o trabalho intitulado “Aula de língua inglesa: uma experiência de inclusão de alunos com deficiência visual”. Imagem abaixo:

Imagem 01 – XVIII Encontro de Extensão (ENEX) da UFPB

Língua inglesa para a comunidade	1.A contribuição da experiência no Projeto de Extensão em Língua Inglesa/DLEM para a formação docente dos extensionistas
	2.A experiência da docência compartilhada
	3.Aula de língua inglesa: uma experiência de inclusão de alunos com deficiência visual
	4.Impacto da relação interativa e motivacional entre os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de inglês como língua estrangeira no projeto de extensão em língua inglesa UFPB/DLEM
	5.O uso da fonologia da língua inglesa no aprendizado de alunos iniciantes: da teoria à prática

Fonte: ENEX 2017 (UFPB, 2017, p. 06)

A experiência mencionada acima nos trouxe empoderamento e esperança de dias melhores para a educação básica, no tocante a inclusão de alunos cegos e com baixa visão nas escolas regulares. Hoje, podemos dizer que somos professores em formação com experiência prévia com alunos cegos e com baixa visão graças à extensão, que proporciona essa oportunidade de refletir sobre, conhecer e exercitar uma educação inclusiva.

Após esse período de experiência com inclusão e com alunos com deficiência visual, algumas questões surgiram: os professores de inglês em formação no curso de Letras Inglês da UFPB estão sendo preparados para incluir de maneira favorável estes alunos cegos e com baixa visão em suas aulas? De que maneira as disciplinas de Estágio Supervisionados proporcionam aos seus alunos o contato prévio com alunos com deficiência visual? Qual a importância do contato prévio com alunos cegos e com baixa visão para a formação docente? Tendo em vista que a lei assegura aos alunos com deficiência o acesso à educação em escolas regulares, tais questões tornam-se de suma importância, pois o contato com esses alunos é importante para uma formação docente de qualidade, no tocante a estar melhor preparado para lidar com alunos com deficiência.

Como objetivos específicos de nosso trabalho, pretendemos: a) analisar como o contato prévio dos professores com alunos cegos e com baixa visão durante a formação docente no curso de Letras Inglês acontece desde a iniciativa de estagiar com alunos com deficiência visual até o fim do deste contato; b) verificar como o contato dos professores em formação com alunos cegos e com baixa visão durante o Estágio Supervisionado colabora para a formação docente; c) discutir

sobre a importância da adaptação dos materiais didáticos para Braille, por parte dos professores em formação no ensino de língua inglesa para alunos cegos e com baixa visão e d) como essa experiência do contato prévio é importante para a formação docente desses alunos de Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba.

Para tanto, tomamos como base teórica a legislação brasileira (BRASIL, 1988; 1989; 2001; 2007), além de autores como Faders (1999), Ludke (2003), Beyer (2006), Glat (2007), Culau (2012), Dantas (2014), Fontana (2014), Medrado (2014) e arquivos da internet como o do Instituto Benjamin Constant (2015), que é muito importante para esse processo de conscientização da educação inclusiva, onde dados importantes sobre o tema estudado são encontrados.

Nossa pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso, de natureza exploratória e cunho quali-quantitativo. A fim de atingir os objetivos mencionados, fizemos uma revisão da literatura sobre o tema e aplicamos um questionário com professores em formação e professores recém-formados que estagiaram no Instituto de Cegos da Paraíba no período de 2016 a 2018.

Através deste questionário, colhemos informações sobre o período em que os respondentes estagiaram no Instituto de Cegos da Paraíba, bem como dados sobre sua experiência, o contato inicial com o Instituto e a relevância do contato com alunos cegos e com baixa visão e com outros recursos/materiais para sua formação docente.

Nosso trabalho encontra-se dividido em cinco capítulos. No primeiro, que corresponde à introdução, apresentamos o nosso tema, a justificativa para este trabalho, nossa hipótese e objetivo de pesquisa. No segundo, discutimos sobre a importância do contato prévio dos professores em formação com alunos cegos e com baixa visão e sobre a necessidade desse contato prévio. Também nesse capítulo, discutimos a importância do Instituto de Cegos da Paraíba como auxílio fundamental na educação de alunos cegos e com baixa visão, assim como os materiais adaptados, que são os grandes aliados dos professores no ensino de língua inglesa para alunos cegos e com baixa visão. No capítulo seguinte, apresentamos os aspectos metodológicos da pesquisa, o questionário aplicado e traçamos o perfil dos respondentes. No quarto capítulo, todos os dados coletados através do questionário aplicado foram analisados, confirmando nossa hipótese inicial de que o contato prévio dos professores em formação com alunos cegos e

com baixa visão é importante. Por fim, apresentamos as nossas considerações finais, as referências utilizadas em nosso trabalho.

Esperamos que esse trabalho possa contribuir na formação de alunos do curso de Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba. Esta pesquisa serve como apoio teórico para alunos que no futuro trabalhem com esse tema de inclusão, de maneira específica a alunos cegos e com baixa visão.

## **2 A IMPORTANCIA DO CONTATO PRÉVIO COM ALUNOS CEGOS E COM BAIXA VISÃO**

Nos dias atuais a necessidade de importar-se com minorias dentro das escolas cresce. A Lei 7.853, de 1989 declara crime “[...] recusar, suspender, procrastinar, cancelar ou fazer cessar, sem justa causa, a inscrição do aluno em estabelecimento de ensino de qualquer curso ou grau, público ou privado, por motivos derivados da deficiência que porta” (BRASIL, 1989). Alunos com deficiência são um número crescente nas salas de aula da educação básica regular, e essa realidade nos convida a olhar com mais importância para o ensino heterogêneo dentro das escolas. Sendo assim, há a necessidade de os professores em formação se especializarem e terem um contato prévio com alunos com deficiência.

No que concerne aos alunos cegos e com baixa visão, os professores em formação precisam ter esse contato prévio, visando uma melhor qualidade na formação como docente, já que os alunos cegos e com baixa visão estarão presentes nas salas de aulas comuns do ensino regular, como conferido pela Lei 7.853 de 24 de outubro de 1989 (BRASIL, 1989), acima já citada, que ampara a acessibilidade aos alunos com deficiência visual, integração ao mercado de trabalho e educação adequada e adaptada.

O ensino de língua inglesa, como disciplina obrigatória a partir do 6º ano do Ensino Fundamental na Educação Básica em escolas regulares deve ser um direito de todos os alunos e, para que esse ensino seja de qualidade e adequado, os professores em formação precisam de contato com tal temática e experiências que lhes proporcionem conhecer, aprender e exercitar o ensino para esses alunos ainda durante a graduação.

### **2.1 A CONCIETIZAÇÃO DA NECESSIDADE DO CONTATO PRÉVIO COM ALUNOS CEGOS E COM BAIXA VISÃO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE**

Em João Pessoa, o número de alunos cegos e com deficiência visual está crescendo, segundo o Jornal da Paraíba:

O número de alunos com deficiência em geral é de 21.798 em todo estado. Mas uma parte desses alunos não faz parte desse número. 3.128 desses



alunos com deficiência estão fora das escolas regulares. Os alunos cegos e deficientes visuais são uma grande parte desses 21.798 alunos com deficiências. (JORNAL DA PARAÍBA, 2013, p. 01)

Contudo, segundo o Censo Escolar de 2015, totaliza 18.738 alunos com deficiência nas escolas regulares, sendo 1.889 cegos e 1.774 com baixa visão.

É extremamente importante conscientizar os professores para se prepararem para as necessidades dos alunos cegos e com baixa visão. Então, surge uma pergunta: como ensiná-los se os profissionais não estão preparados? É relevante considerar essa questão abrangente como ela é. Os novos profissionais agora precisam ser melhores formados para esses desafios da educação básica, como Medrado (2014, p. 26) afirma:

Entendemos que o maior desafio para uma prática docente inclusiva reside, de fato, na formação de profissionais éticos. Sabemos que a formação inicial pode não ser suficiente para desenvolver, em futuros professores, atitudes que respondam positivamente a situações de inclusão.

Sendo assim, inclusão é a palavra que precisa ser melhor pensada dentro das escolas. O ensino para alunos cegos e com baixa visão tem alguns desafios que podem ser vencidos com força de vontade e preparação. Os professores sendo melhor formados traz a possibilidade de uma educação melhor para estes alunos cegos e com baixa visão. Formar professores com base na ética tem sido um destes desafios:

Uma educação para todos é, sobretudo, um princípio que recomenda que o trabalho do professor não deve segregar, inibir ou discriminar. Os saberes pedagógicos e linguísticos são imprescindíveis na formação profissional do ensino de línguas. Todavia, o saber ético, em minha opinião, sobrepuja os demais na garantia do respeito legal a educação, ao conhecimento e à própria vida. Formar professores éticos é, a meu ver, nosso maior desafio. (MEDRADO, 2014, p. 27)

Segregação não é uma palavra que deve estar presente no contexto escolar. Os alunos com deficiência devem ser inseridos de maneira adequada, e dentro do processo de inclusão dos alunos com deficiência, os professores precisam estar melhor treinados e com pensamentos consistentes acerca da importância da inclusão. Estes professores precisam ser éticos no tocante a não segregar estes alunos.

Em 1994, as primeiras discussões sobre este assunto surgiram no Brasil. Essa discussão foi sobre como os professores não estavam preparados para encarar essa jornada em um campo diferente e desafiador. Em 1994, a Política Nacional de Educação Especial (PNEE) foi criada com a intenção de dar aos alunos cegos e com baixa visão acesso à educação. Por outro lado, este documento foi mal interpretado. O documento que deveria ser o ícone da inclusão em 1994 tem uma forma sutil de preconceito. Além disso, este documento exigia dos alunos cegos e com baixa visão uma capacidade (habilidade) que lhes era impossível alcançar (não nos padrões que o documento lhes exigia), como nos mostra Dantas (2014, p. 37):

Nesse mesmo ano, é publicado o documento Política Nacional de Educação Especial (PNEE), documento que acreditamos marcar de forma negativa as políticas inclusivas, ao orientar que alunos com necessidades educacionais específicas, por meio do processo de *integração instrucional*, só poderiam ter acesso ao ensino regular se possuísem “[...] condições de acompanhar e desenvolver as atividades curriculares programadas do ensino comum no mesmo ritmo que os alunos ditos normais” (p. 19 apud BRASIL, 2007<sup>a</sup>, p. 03). Ao estabelecer essa orientação, a PNEE parece transferir para o aluno com deficiência a culpa por não estar na sala de aula do ensino regular, dada sua ausência de condições para acompanhar as aulas *no mesmo ritmo dos ditos normais*.

Dantas esclarece que não é culpa do aluno deficiente não evoluir na mesma demanda cobrada aos alunos comuns. É necessário pensar nessas políticas de maneira inclusiva. Logo é impossível cobrar de alunos com deficiência que eles se adaptem a um ensino homogêneo onde apenas os alunos que não apresentam deficiência conseguem evoluir desde que este ensino é voltado para os videntes e não para alunos cegos e com baixa visão, por exemplo.

Dois anos depois, em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) tentou adaptar o documento para torná-lo inclusivo. No entanto, surgiram algumas discussões relacionadas ao PNEE. Finalmente, quando a Convenção da Guatemala (FADERS, 1999) em 28 de maio de 1999: Decreto nº 3.956 foi assinada, trouxe uma evolução favorável para o processo de políticas inclusivas para as escolas regulares. A Convenção de Guatemala declara:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. (FADERS, 1999, p. 01)

As escolas regulares têm a responsabilidade de se organizarem, a fim de dar acesso à educação de qualidade descrita nas leis de inclusão. Desde que é uma responsabilidade das escolas matricular e dar acessibilidade aos alunos com deficiência, uma pergunta surge: as escolas regulares estão disponíveis para aprender a lidar de maneira adequada e tornar acessível a educação básica para alunos com deficiência?

As escolas regulares necessitam de muitas mudanças para tornarem-se de fato acessíveis e preparadas a ofertar uma educação de qualidade para alunos com deficiência. No tocante a alunos cegos e com baixa visão, os institutos de apoio como o Instituto de Cegos da Paraíba (ICP) são de extrema importância para tornar acessível uma educação de qualidade. A educação de alunos cegos e com baixa visão apenas na escola regular ainda é insuficiente! Contudo, há um progresso acontecendo. Portanto, é necessária uma parceria entre o ICP e a escola regular.

## 2.2 A ESCOLA REGULAR E O INSTITUTO DE CEGOS DA PARAÍBA

Atualmente o tema “inclusão” continua sendo um ponto problemático para lidar quando falamos em ensinar alunos cegos e com baixa visão. Segundo Dantas (2014), a formação dos professores que futuramente serão docentes da escola regular deve contemplar a inclusão e essa necessidade de inclusão na formação docente é de urgência absoluta. A escola regular (escola básica) ainda não consegue oferecer aos alunos cegos e com baixa visão um ensino coerente em relação as necessidades educacionais destes.

O Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha foi fundado em 15 de maio de 1944 pela senhora Adalgisa Duarte da Cunha na cidade de João Pessoa, Paraíba onde, desde a sua fundação, atua na educação, dando oportunidade ao deficiente visual de ter acesso a uma educação acessível às suas peculiaridades e, assim, poder adquirir conhecimento da mesma forma que os ditos “alunos normais”. O ICP torna acessível a educação para alunos com deficiência visual. Este instituto funciona como um apoio para o desenvolvimento dos alunos cegos e com baixa visão. Embora o nosso foco neste trabalho acerca do ICP seja falar do apoio pedagógico lá disponível para os alunos com deficiência visual, o Instituto de Cegos da Paraíba também faz outros trabalhos como atendimento familiar, apoio

psicológico, orientações sobre os direitos dos alunos com deficiência visual, deveres e serviços, oficinas sobre a deficiência, assim como oficinas de Braille, de terapias, Yoga e Reiki.

Onde a escola regular ainda não consegue chegar, o ICP complementa com profissionais e materiais que viabilizam a educação a alunos cegos e com baixa visão.

Sobre a importância do ICP, os alunos cegos e com baixa visão ressaltam:

[...] a necessidade do ensino complementar do Instituto dos Cegos da Paraíba (ICP) para que possam ter acesso ao *material em braille*, a *explicação do conteúdo* e a *orientação de como responder a atividade* proposta pelo professor da escola regular, tendo em vista que, apesar da sala de recursos presente na escola, os professores, ainda, não têm a *preparação* necessária, como aqueles da instituição especializada. A partir do que dizem esses alunos, entendemos que, talvez, sem o apoio que recebem do ICP, o processo de aprendizagem, proposto pela educação inclusiva, caminhasse de maneira mais lenta. (DANTAS, 2014, p. 43)

Os alunos cegos e com baixa visão seriam prejudicados de maneira que seria muito mais difícil a acessibilidade a educação básica se o ICP não fosse uma realidade para estes alunos. O processo de aprendizagem se daria a passos lentos se o ICP não intervisse nesse processo, já que as escolas regulares não conseguem ser eficientes o suficiente para que os alunos cegos e com baixa visão aprendam e se desenvolvam a contento. A educação inclusiva requer das escolas algo que, sem ajuda do ICP, não aconteceria de maneira favorável para os alunos cegos e com baixa visão. Logo, fica claro que o ICP é essencial para o desenvolvimento dos alunos cegos e com baixa visão.

As escolas passam por um processo de adequação a essa realidade inclusiva, assim como nas cidades que não podem ter acesso a ajuda do ICP. Contudo, se faz importante que a escola continue a crescer neste sentido, pois o ideal é que as escolas sejam a cada momento da história da educação estejam mais bem preparadas para receber os alunos cegos e com baixa visão, assim em João Pessoa como em qualquer escola regular do Brasil.

Um aspecto importante a ser apontado, no entanto, é que “ao passo que a matrícula de deficientes visuais cresce nas escolas regulares, diminui nas especiais” (BORGES, 2010, p. 09). Ou seja, por conta da migração dos alunos cegos e com

baixa visão para a escola regular, o investimento no ICP diminuiu, o mesmo aconteceu com outras escolas de educação especial pelo Brasil.

Além de todos os desafios que a escola regular enfrenta para dar uma educação de qualidade aos alunos cegos e com baixa visão, está o preconceito. Este preconceito não é tão diferente do que apareceu no início da PNEE. A sociedade tem sido preconceituosa com estudantes cegos e com baixa visão na educação básica e isso tem sido uma preocupação, pois “Historicamente, as pessoas com deficiência estiveram à margem da sociedade por falta de políticas para elas”. (BORGES, 2010, p. 06). Desse modo, alunos com deficiência foram e ainda têm sido tratados como cidadãos “inválidos” ou não aptos ao mercado de trabalho, por exemplo.

Esse preconceito tem afetado as carreiras profissionais, porque eles não conseguem uma educação adequada como deveriam. Onde através de uma educação humanizada e de melhor qualidade também voltada aos alunos cegos e com baixa visão, eles teriam maiores chances de crescimento profissional, o preconceito e a falta de políticas voltadas a estes alunos faz os alunos com deficiência visual sentirem-se desestimulados a se inserir no mercado de trabalho e no ensino superior.

O papel da família também é crucial para a inclusão. Porém, devido a ignorância, algumas famílias não procuram um diagnóstico. Não diagnosticar as reais necessidades educacionais especiais dos alunos dificultam ainda mais o processo de aprendizagem destes alunos. As famílias precisam lidar melhor com as necessidades educacionais especiais dos alunos com deficiência visual, por exemplo. Quando falamos em família, ao longo da história, vemos que os alunos que têm algum tipo de deficiência também não recebem a atenção e tratamento adequado. As famílias precisam buscar ajuda de profissionais competentes e trabalhar a aceitação para que seus familiares possam ter acesso a uma educação acessível e de qualidade. Neste contexto, como afirmado acima, o ICP também sido de grande ajuda, pois oferece amparo em diversas áreas para os alunos cegos e com baixa visão no Instituto.

As escolas regulares têm sido um local histórico onde as diferenças são encaradas como um problema que não pode ser resolvido:

Escola se prepara de acordo com aluno que ela recebe, com ou sem deficiência. É a presença desse aluno que impulsiona a transformação dos sistemas de ensino. Essa ideia de que pessoas com deficiência precisam de acompanhamento especializado sempre não é correta. Classe especializada é segregação. (BORGES, 2010, p. 10)

As escolas devem encarar os alunos com deficiência como grandes oportunidades de crescimento docente. Quando falamos isso, queremos dizer que ensino heterogêneo, por exemplo, é uma grande ferramenta que as escolas regulares podem incorporar em seus planejamentos, no qual tanto alunos videntes quanto os alunos cegos e com baixa visão irão ser contemplados.

No ensino heterogêneo, os alunos videntes trabalham juntos com alunos cegos e com baixa visão. Por exemplo, as atividades são pensadas de maneira inclusiva em ambos os sentidos, pois o professor pensa nas atividades de maneira que os alunos cegos consigam se desenvolver assim como os alunos videntes e vice-versa. No ensino heterogêneo, os alunos videntes também precisam ser contemplados. Pensando em inclusão, se o ensino é voltado só para alunos cegos e com baixa visão, torna-se ensino homogêneo, segregando alunos videntes. O ensino heterogêneo, portanto, carrega em si um sentimento e exercício de inclusão.

A segregação não deveria ter lugar dentro das escolas regulares. Separar não é a solução. A solução é pensar em ensino heterogêneo. As escolas regulares têm sido indiferentes a estudantes cegos e com baixa visão. A escola regular não está focada ou preocupada em oferecer aos alunos cegos e com baixa visão um ensino heterogêneo.

A educação nas escolas regulares ao longo dos anos não tem pensado nas necessidades dos alunos cegos e com baixa visão. Ao invés disso, as escolas, constantemente, oferecem um sistema homogêneo de educação. Sendo homogênea, a educação nas escolas regulares tem pensado apenas em estudantes videntes e os alunos que têm algum tipo de deficiência não fazem parte do objetivo da educação regular. Contudo, como já afirmamos, a escola tem passado por um novo momento acerca da inclusão, e há um crescimento, ainda que lento, da inclusão nas escolas regulares.

As escolas regulares inclusivas são poucas e têm sido um sonho para estudantes cegos e com baixa visão. As escolas regulares têm que ser “abertas” a alunos cegos e com baixa visão.

De acordo com Beyer, “[...] a Educação Inclusiva como um novo princípio educacional, tem como base a heterogeneidade nas classes regulares de ensino” (2006, p. 73). Ainda, segundo análises de Glat (2007, p. 16), as escolas regulares precisam ser instituições heterogêneas, no tocante ao ensino em sala de aula, pois a educação inclusiva é um modelo novo para as escolas regulares e isso tem que trazer às escolas regulares a conscientização de esses alunos devem permanecer nelas. Os mecanismos que sempre foram usados para segregar deficientes como o processo de seleção e a discriminação devem dar lugar a um processo de identificação dos sujeitos ao ambiente escolar fazendo, assim, com que as barreiras do preconceito se desmontem diante do que importa, a aprendizagem.

As estruturas das escolas regulares ainda não estão preparadas para receber estudantes cegos e com baixa visão, além disso, uma escola inclusiva precisa qualificar seus professores e equipe de gestão e rever as formas de interação (GLAT, 2007, p. 16). Pois, como também analisa Glat (2007, p. 16), ela precisa repensar sua estrutura pedagógica, a maneira de organizar-se em favor da acessibilidade destes alunos com deficiência. O projeto político pedagógico e os recursos didáticos também devem ser repensados nesse sentido.

O ICP é e tem sido extremamente necessário à educação dos alunos cegos e com baixa visão. Quando pensamos sobre o seu desenvolvimento na língua inglesa, o ICP é o melhor lugar para o seu empoderamento na aquisição da língua inglesa, pois o instituto tem sido uma instituição onde a educação inclusiva implica em um processo de reestruturação dos pontos que a escola precisa melhorar, desde a estrutura até os planos pedagógicos (GLAT, 2007, p. 16).

Entretanto, o ICP, apenas, não é responsável pela educação desses alunos. As escolas regulares têm a responsabilidade de educá-los e elas devem ser este lugar onde alunos cegos e com baixa visão se sintam confortáveis. A estrutura deve estar devidamente preparada para receber alunos cegos e com baixa visão. As instituições têm que se preocupar em como integrar, mas não apenas integrar, como também incluir os alunos cegos e com baixa visão em suas prioridades escolares, como fazem com os alunos não-deficientes.

Embora as escolas regulares ainda não sejam apropriadas, é relevante falar sobre as políticas de educação inclusiva. Este tema (políticas de educação inclusiva) tem que ser colocado em um lugar de importância nas políticas públicas.

No que diz respeito à sociedade em geral, enquanto a ciência ainda não consegue devolver a visão aos alunos cegos e com baixa visão, ela deve estar mobilizada a tornar os ambientes escolares (e não-escolares) acessíveis e as demais áreas da vida dos alunos cegos e com baixa visão devem ser pensadas de maneira mais digna. Pensando em cidadania, a sociedade precisa trabalhar melhor a esta cidadania erradicando essas barreiras criadas sobre os alunos cegos e com baixa visão, tornando menos sacrificial a vida e o acesso à educação destes alunos (CULAU; FONTANA, 2012).

Uma das maneiras de tornar o ensino acessível aos alunos cegos e com baixa visão é a adaptação de materiais didáticos. Pensando em acessibilidade, os materiais adaptados são ótimas maneiras de minimizar as dificuldades diárias enfrentadas por esses alunos.

### 2.3 A IMPORTÂNCIA DOS MATERIAIS DIDÁTICOS ADAPTADOS COMO AUXÍLIO PEDAGÓGICO NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA PARA ALUNOS CEGOS E COM BAIXA VISÃO

Outro ponto importante a ser tratado deve ser a necessidade de materiais adequados. No que se refere aos materiais didáticos utilizados nas aulas de inglês e na rotina de estudo dos alunos cegos e com baixa visão, a adaptação dos materiais para Braille é de importância ao ensino de Língua inglesa para alunos cegos e com baixa visão.

Infelizmente, esses materiais são difíceis de encontrar e são realmente caros como, por exemplo, os livros em Braille. O Instituto Benjamin Constant desenvolve um trabalho incansável para produzir este tipo de material, assim como também outros importantes centros especializados nessa área, o IBC, A Fundação Dorina Nowill e o MEC. Também são importantes. Contudo a demanda é muito maior do que o que o Instituto pode produzir. Sendo assim, entendemos, assim como Fontana (2014) ser necessário o auxílio de videntes no processo de aprendizagem dos alunos cegos e com baixa visão.

Há, ainda, uma enorme quantidade de recursos que podem ser reunidos em um plano de aula para serem usados em aulas de inglês.

No que tange os recursos disponíveis para uma melhor educação de alunos cegos e de baixa visão, existem os *Apps* e *Software* para leitura. Como auxílio à



educação desses alunos, esses materiais são ótimas opções. Esses recursos são usados para ler obras literárias, por exemplo. No entanto, eles têm um sistema de vozes reprovado por alunos cegos e com baixa visão. Por exemplo, quando se trata de ensinar literatura a alunos cegos e com deficiência visual, eles não gostam da maneira como os aplicativos e o software têm uma má entonação para expressar emoção, como as do drama e da comédia. Segundo Fontana:

No que diz respeito à leitura de por meio de softwares de síntese de voz, alguns disponíveis gratuitamente na internet, a grande reclamação das pessoas com deficiência visual é a falta de inflexão, a ausência de emoção, algo que é tão peculiar à literatura. Imaginemos um dos poemas magistrais de Pablo Neruda – ou do poeta que mais agrada o leitor lido por Darth Vader, icônico vilão de voz robótica da hexalogia Guerra nas Estrelas. Seria, no mínimo, sem graça, quando não assustador (2014, p. 62).

Outra maneira de ler é a leitura de materiais diversificados por um leitor humano, mas esse tipo de leitura requer um voluntário. Contudo, existem outros projetos que viabilizam a leitura como o Clube do leitor, o Livro Falado e Áudio-livros. E também existem o *Learning Ally*, o *Voices.com* e também o *We 4 You* que são para a leitura em inglês, esses dois são exemplos de tantos projetos que auxiliam na leitura para alunos com deficiência visual. Mesmo assim, talvez, essa leitura por parte de voluntários seja a maneira que eles mais gostam. O ponto forte nesta forma de leitura é que outra pessoa tem que ler para estudantes cegos e com baixa visão. Então, eles precisam da disponibilidade de outra pessoa, porque essa maneira de ler nunca está disponível para eles.

Quanto à leitura de terceiros, por fim, é preciso contar com a disponibilidade das pessoas. Não é sempre que um amigo ou um familiar tem tempo e disposição para realizar uma leitura. Seja como for, é talvez, a forma mais fascinante de ter contato com uma obra: pela voz do outro. É uma pena que a leitura se perca no tempo. Aquele momento de leitura não se repetirá e outras pessoas tão pouco terão acesso a ela, a menos que seja gravada (FONTANA, 2014, p. 62).

A leitura é a forma mais tradicional e comum de aprender, mas não é o único caminho! Os materiais são vastos. Alguns outros exemplos são os objetos palpáveis nas aulas de inglês. Para os objetos tocantes dos alunos cegos e com baixa visão, os instrumentos palpáveis são ferramentas maravilhosas. Esses tipos de materiais fazem com que eles se sintam no controle de seu aprendizado, isso é poder para

eles. Quando tocam em alguns materiais, eles podem senti-los e imaginar como são esses objetos, ou se eles criam algum material, isso lhes dá autonomia.

Trabalhar com a imaginação é uma das maneiras mais eficazes para ensiná-los. Enquanto eles tocam em algo, eles fantasiam e imaginam; isso traz conhecimento e, assim, seu vocabulário cresce na língua inglesa. Usando os próprios dedos para produzir algo, também proporciona autonomia para criar um sentido para a vida durante todo o exercício do toque, por exemplo. Além disso, os objetos palpáveis com Braille anotados são alguns dos materiais mais usados nas aulas de inglês, porque eles podem obter a imagem do assunto e dar importância a esses materiais tangíveis. Isso é autonomia para descobrir coisas novas.

Os materiais didáticos funcionam em sala de aula como ferramentas e como suporte para construção de conhecimento nas aulas de inglês. Os recursos são muitos e a escola e os professores têm que estar preparados para usar e criar todas essas ferramentas para dar aos alunos cegos e com baixa visão capacitação e liberdade para aprender e usar todo o conhecimento aprendido nas aulas na vida real. A importância da educação para os alunos cegos e com baixa visão não é diferente da dos demais alunos das escolas regulares.

Em meio a tantos materiais importantes e necessários para o ensino de alunos cegos e com baixa visão, o Braille tem um papel fundamental para o desenvolvimento destes alunos. É importante enfatizar que o Braille é crucial para o ensino de língua inglesa para alunos cegos e com baixa visão:

O Sistema Braille é importante para a educação inclusiva na medida em que o aprendizado deste sistema proporciona ao aluno incluído maior independência na escrita e na leitura, o que proporciona, consequentemente, maior facilidade de comunicação e de socialização, já que o Braille é a forma de escrita a partir da qual o cego escreve e lê de forma independente. Por isso, seu ensino para a educação inclusiva é de grande importância para os educandos cegos que estejam incluídos. (INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT, 2015, p. 1)

Transcrever os materiais para Braille não é um sistema de tradução motora, traz ao professor uma responsabilidade de ser sensível às necessidades do aluno com deficiência visual para que, assim, esse material seja de fato relevante e traga acessibilidade aos conteúdos no processo de aprendizagem da língua inglesa para os alunos cegos e com baixa visão, assim como deve ser para os alunos videntes.

Pensando em materiais didáticos usados como auxílio no ensino de língua inglesa para alunos cegos e com baixa visão, também devemos falar sobre formação de professores, pois eles precisam conhecer, aprender a usar (e até criar) esses materiais. Portanto, é necessário verificar como esses professores em formação estão sendo preparados no curso de Letras Inglês da UFPB.

#### 2.4 A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PARA O ENSINO INCLUSIVO NO CURSO DE LETRAS INGLÊS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Durante o processo de formação docente dos alunos do curso de Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba, o contato com alunos cegos e com baixa visão acontece por meio de algumas disciplinas, de programas e projetos de extensão e, principalmente, por meio dos Estágios Supervisionados do curso de Letras Inglês.

No Projeto Pedagógico do curso de Letras Inglês (UFPB, 2018, p. 16), há disciplinas que dão acesso a este contato prévio com deficientes. Dentro do currículo obrigatório, as cadeiras de Estágio Supervisionado são as principais oportunidades de contato com alunos com deficiência durante a formação docente. Contudo também há disciplinas optativas como “Educação Especial” e “Educação e Inclusão Social” que oportunizam o contato com a inclusão durante a formação docente.

Imagem 02 – Disciplinas optativas que tratam sobre inclusão

Educação e Inclusão Social	03	45	
Educação Especial	04	60	

Fonte: PPC - Projeto Pedagógico do Curso de Letras Inglês (UFPB, 2018, p. 16)

Além das disciplinas do currículo do curso de Letras Inglês presentes no PPC de Letras Inglês, os alunos podem ter a oportunidade de estagiar com alunos com deficiência através dos programas e projetos de extensão, como, por exemplo, o Curso de Extensão em Língua Inglesa (DLEM), além do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) e do Programa de Residência Pedagógica. Contudo, em nossa pesquisa, decidimos investigar junto aos professores em formação e recém-formados que estagiaram no Instituto de Cegos da Paraíba

através das disciplinas de Estágio supervisionado, sobre seu contato prévio com alunos com deficiência visual , pois nos programas e projetos, como Pibid e Residência Pedagógica e extensão, apenas os alunos que se submeteram a um processo seletivo e foram aprovados tem a oportunidade de trabalhar com alunos com deficiência, enquanto que no Estágio Supervisionado, qualquer aluno de Letras Inglês pode ter acesso a este contato prévio.

Buscamos informações sobre o que se estuda nas disciplinas de Estágio Supervisionado e verificamos, no PPC do Curso que entrará em vigor ainda neste ano de 2019, que aspectos da educação inclusiva serão abordados nessas disciplinas, como vemos abaixo (UFPB, 2018, p. 25 – 27):

Imagem 03 – Ementa do Estágio Supervisionado I

#### **ESTÁGIO SUPERVISIONADO I**

**Carga Horária:** 60

**Créditos:** 04

**Ementa:** Memória educativa como aprendiz de Língua Estrangeira: identidade e letramento docente. Auto-etnografia no contexto escolar. Pressupostos teórico-metodológicos dos documentos oficiais para LE no ensino fundamental. Aspectos da educação inclusiva.

#### **Bibliografia:**

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FARRELL, Michael. *Deficiências sensoriais e incapacidades físicas: guia do professor*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Fonte: PPC - Projeto Pedagógico do Curso de Letras Inglês (UFPB, 2018)

Imagem 04 – Ementa do Estágio Supervisionado II

#### **ESTÁGIO SUPERVISIONADO II**

**Carga Horária:** 120 horas

**Créditos:** 08

**Ementa:** Avaliação e produção de material didático. Novas TICs na educação. Práticas de transposição didática à luz dos documentos oficiais no ensino fundamental: observação, co-participação e regência . Aspectos da educação inclusiva.

#### **Bibliografia:**

- BIAZI, Terezinha; GIMENEZ, Telma; STUTZ, Lídia. O papel da observação de aulas durante o estágio supervisionado de Inglês. In.: *SIGNUM*, n n. 14/1, p. 57-78, jun. 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. SEESP. *Parâmetros Curriculares Nacionais: adaptações curriculares/estratégias para a educação de alunos com necessidades especiais*, 1998.
- DOURADO, Maura; MEDRADO, Betânia. *Uma proposta de transposição didática: a língua inglesa no ensino fundamental II*. João Pessoa, EDUFPb, 2015.
- OLIVEIRA, Eliane C. de. Navegar é preciso! – O uso de recursos tecnológicos para um ensino-aprendizagem significativo de línguas estrangeiras. In: PEREIRA, Ariovaldo L. & GOTTHEIM, Liliana (Orgs). *Materiais didáticos para o ensino de Língua estrangeira: processos de criação e contextos de uso*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013, p.185-214.
- SCHEYERL, Denise; SIQUEIRA, Sávio (Org.). *Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- OLIVEIRA, L. A. *Métodos de ensino de inglês, teorias, práticas, ideologias*. São Paulo: Parábola, 2014.

Fonte: PPC - Projeto Pedagógico do Curso de Letras Inglês (UFPB, 2018)

## Imagem 05 – Ementa do Estágio Supervisionado III

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO III****Carga Horária:** 60 horas**Créditos:** 04**Ementa:** Pressupostos teórico-metodológicos dos documentos oficiais para LE no ensino médio. Abordagens e métodos de ensino de LE. Avaliação da aprendizagem. Aspectos da educação inclusiva**Bibliografia:**

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília, MEC, 2006.
- FREUDENBERGER, Francieli. Gênero profissional e formação inicial. Possibilidades e contradições na análise da atividade docente. In: MEDRADO, Betânia P.; REICHMANN, Carla L. (orgs.). *Projetos e práticas na formação de professores de língua inglesa*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012, p.125-150.
- MEDRADO, Tornado-se professor: a compreensão de graduandos em Letras sobre a atividade educacional. In: MEDRADO, Betânia P.; REICHMANN, Carla L. (orgs.). *Projetos e práticas na formação de professores de língua inglesa*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012, p.151-169
- OLIVEIRA, L. A. *Métodos de ensino de inglês, teorias, práticas, ideologias*. São Paulo: Parábola, 2014.
- PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. *Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba. Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Volume 1. João Pessoa, 2007
- REICHMANN, Carla L. Tecendo o gênero profissional: o estágio como prática de letramento docente e formação identitária. In: MEDRADO, Betânia Passos; REICHMANN, Carla L. (orgs.). *Projetos e práticas na formação de professores de língua inglesa*. João Pessoa: EDUFPB, pp. 101-124, 2012

Fonte: PPC - Projeto Pedagógico do Curso de Letras Inglês (UFPB, 2018)

## Imagem 06 – Ementa do Estágio Supervisionado IV

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV****Carga Horária:** 120**Créditos:** 04**Ementa:** Práticas de transposição didática à luz dos documentos oficiais no ensino médio: observação de aulas, co-participação e regência. Aspectos da educação inclusiva.**Bibliografia:**

- FONTANA, Rosana Cação. Estágio: do labirinto aos frágeis fios de Ariadne. In: GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO Alexandra Santos; FERRO, Maria Eduarda (orgs.). *Estágio supervisionado e práticas educativas: diálogos interdisciplinares*. Dourados (MS): Editora UEMS, 2011, p.19-31.
- GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. Uso de práticas de escrita na formação inicial de professores: interfaces possíveis com os estudos de letramento. In: SERRANI, Silvana (org.). *Letramento, discurso e trabalho docente. Uma homenagem a Angela Kleiman*. Vinhedo, Editora Horizonte, 2010, p.129-142.
- \_\_\_\_\_; KLEIMAN, Angela B. O estágio supervisionado e a voz social do estagiário. *Revista Ráido*, v.8, n.15, p.13-32, 2014. Acesso em 6/10/2014. Disponível online: <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido/issue/current/showToc>
- DIAS Reinildes; CRISTOVÃO, Vera Lucia Lopes. *O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas*. São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

Fonte: PPC - Projeto Pedagógico do Curso de Letras Inglês (UFPB, 2018)

Encaramos como um avanço que, no novo PPC do Curso de Letras Inglês, há uma preocupação com o tema em questão, pois, no PPC anterior, tais aspectos relacionados à inclusão não constavam nas ementas das disciplinas. Contudo, não é “obrigatório” o contato prévio com essas minorias na parte prática das disciplinas de Estágio Supervisionado do Curso de Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba.

Esta pesquisa não tem a intenção de criticar as políticas públicas no tocante aos alunos com deficiência, em especial os alunos cegos e com baixa visão. Ainda assim, faz-se necessário evidenciar a necessidade de um olhar especial para essas minorias, desde que alunos com deficiência devem ser inseridos sem nenhum tipo de segregação nas escolas regulares como afirma a Lei 7.853 de outubro de 1989 (BRASIL, 1989). Os professores em formação devem ter um acesso mais fácil ao contato prévio com alunos cegos e com baixa visão, por exemplo. É importante no período da formação docente que haja esta experiência. Pois quando esses professores em formação estiverem formados e precisarem lidar com esses alunos nas escolas regulares será mais difícil de aproveitar essa experiência, pois esses profissionais que não puderam ter um contato prévio em suas formações com alunos com deficiência precisaram de alguma formação extra para estarem capacitados de maneira favorável a incluir com qualidade alunos cegos e com baixa visão, ou deficientes em geral, nas salas de aula das escolas regulares.

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa busca analisar experiências pessoais de alunos em formação do curso de Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba que estagiaram no ICP no período de 2016 a 2018. Assim como afirmam Ludke e André (2003), esta pesquisa importa-se em buscar num primeiro instante, a organização de todo o material. Dividir em partes é crucial para atingir os propósitos do estudo de caso e para chegar a uma compreensão mais completa da situação que está sendo estudada. Através de questionário aplicado a esses professores em formação, esta pesquisa busca resultar em uma amostragem da importância do contato prévio dos professores em formação com alunos cegos e com baixa visão no ICP.

#### 3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa constitui-se em um estudo de caso. Quanto aos seus objetivos, ela é exploratória e de natureza quali-quantitativa. Quanto as técnicas utilizadas, primeiramente foi feita uma pesquisa bibliográfica, com leitura de textos que abordam o tema. Além disso, foi aplicado um questionário a alunos do curso de Letras Inglês que estagiaram no ICP no período de 2016 a 2018.

Como afirmam Ludke e André (2003) “a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto”. Com base nesta assertiva, esta pesquisa é motivada pela necessidade de expor a relevância do contato de alunos em formação do curso de Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba com alunos cegos e com baixa visão através da coleta das respostas ao questionário.

#### 3.2 UNIVERSO DA PESQUISA

O universo a ser investigado compreende vinte e dois alunos para quem o questionário desta pesquisa foi enviado, mas dos vinte e dois alunos contatados apenas sete alunos responderam. Estes professores respondentes são ou foram alunos do curso de Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba que estagiaram no Instituto de Cegos da Paraíba. Este questionário coletou dados de alunos do curso de Letras Inglês do período de 2016 a 2018, visando uma

amostragem de três anos de experiências vividas pelos professores em formação com os alunos cegos e com baixa visão no Instituto de Cegos da Paraíba.

### 3.3 INSTRUMENTO UTILIZADO E COLETA DE DADOS

O instrumento utilizado para coleta de dados, como explicamos anteriormente, foi um questionário. Esse questionário visa uma amostragem do contato de professores em formação com alunos cegos e com baixa visão. O questionário é composto por onze perguntas e pretende coletar dados do contato dos alunos em formação que estagiaram no Instituto dos Cegos da Paraíba com alunos cegos e com baixa visão e do processo de adaptação desses professores em formação no processo de ensino de língua inglesa para alunos cegos e com baixa visão. Para tanto, o questionário coletou dados como a) informações do período em que se encontram os respondentes, se já concluíram ou ainda cursam Letras Inglês na Universidade Federal da Paraíba; b) o período em que estagiou no ICP; c) os sentimentos gerados nos professores em formação quando iniciaram o contato com os alunos cegos e com baixa visão; d) o uso do Braille na regência do Estágio Supervisionado; e) a importância que cada respondente dá ao ensino heterogêneo e f) de que maneira essas experiências colaboram para a formação docente destes alunos do curso de Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba.

O questionário foi enviado via *Google Forms* para vinte e dois alunos que estagiaram no ICP. A escolha pelo formulário online foi para facilitar o envio para um maior número de alunos, já que eles poderiam voluntariamente responder ou não o questionário, e evitar o uso de papel, pensando na questão da sustentabilidade. Dos vinte e dois questionários enviados, obtivemos sete respostas. Embora nem todos os questionários enviados foram respondidos, nosso trabalho não foi prejudicado, pois conseguimos uma amostra de alunos que estagiaram tanto no ano de 2016, quanto 2017 e 2018 e, portanto, consideramos que tal amostragem pode nos proporcionar uma boa visão da temática que queremos estudar.

A seguir, apresentaremos a análise das respostas dos questionários sobre o contato prévio que tiveram com alunos cegos e com baixa visão no ICP, durante o período de 2016 a 2018.



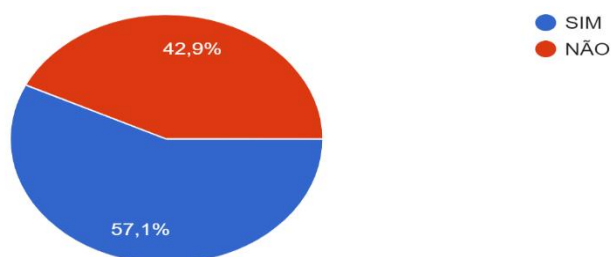
#### 4 EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO E RECÉM-FORMADOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA NO PERÍODO EM QUE ESTAGIARAM COM ALUNOS CEGOS E COM BAIXA VISÃO NO INSTITUTO DE CEGOS DA PARAÍBA

As experiências vividas no período de estágio pelos professores em formação e recém-formados do curso de Letras Inglês da UFPB no ICP é parte importante desta pesquisa. Essas experiências mostram como esse contato é importante e para a formação dos alunos do curso no tocante a uma formação com mais qualidade e humanizada.

Imagem 07 – Pergunta número 1 do questionário aplicado

##### 1. CURSO CONCLUÍDO?

7 respostas



Fonte: Autoria própria (2019)

Logo no início do questionário os respondentes afirmam se concluíram ou não o curso de Letras Inglês. Dos sete respondentes, três são recém-formados e quatro ainda estão cursando. Os alunos que estagiaram em 2016 são recém-formados do curso. Nesta amostragem temos três docentes já formados com uma qualidade maior no tocante a estar melhor preparado para o mercado de trabalho. Assim como Medrado (2014) afirma, este contato com alunos com deficiência trará uma formação melhor de professores mais éticos e humanizados. E estes professores já formados são a representação atual dos próximos professores que se formarão tendo essa formação mais ética e humanizada. Os quatro respondentes em formação serão, assim como os recém-formados, professores mais éticos e sensibilizados com as necessidades educacionais especiais dos alunos com deficiência nas escolas regulares da educação básica.

Imagem 08 – Pergunta número 2 do questionário aplicado

2. PERÍODO EM QUE ESTAGIOU NO INSTITUTO DE CEGOS DA PARAÍBA. ex:  
(de \_\_\_\_ até \_\_\_\_)

7 respostas

Fevereiro de 2018 até Junho de 2018
Segundo semestre de 2017 até primeiro semestre de 2018.
De julho até novembro de 2016
2016
2018.1
de 02.2016 a 06.2016
De 13/02/2018 até 03/06/2018

Fonte: Autoria própria (2019)

Na segunda pergunta deste questionário, os respondentes relatam os períodos/anos em que estagiaram no Instituto de Cegos da Paraíba (ICP). Nesta parte do questionário, fica clara a amostragem de três anos diferentes de experiências.

Os professores em formação estagiaram no ICP nos anos 2016, 2017 e 2018. Com respondentes de diferentes anos, esta amostragem compreende um período considerável de experiências. Além de serem experiências diferentes, são experiências em momentos diferentes com diversos alunos cegos e com baixa visão. Nesta parte do questionário, os três respondentes recém-formados, respondentes 03, 04 e 06, trazem para esse questionário a contribuição de docentes já formados e como essa experiência de contato prévio foi relevante na formação deles. Como já citado na fundamentação teórica desta pesquisa, Medrado (2014) afirma que os alunos do curso de Letras Inglês podem não ter uma formação favorável no tocante ao ensino inclusivo para alunos com deficiência. Contudo, esses alunos recém-formados, assim como os demais respondentes em formação, serão dotados que uma formação mais humanizada, podendo responder, provavelmente, de maneira positiva às situações de inclusão na educação básica.

Imagem 09 – Pergunta número 3 do questionário aplicado

### 3. COMO VOCÊ CONHECEU O INSTITUTO DE CEGOS DA PARAÍBA?

7 respostas

Moro próximo ao Instituto desde que nasci. Quando surgiu a oportunidade de escolher a instituição aonde eu realizaria o Estágio Supervisionado não pensei duas vezes e escolhi o mesmo.
Foi me recomendado tanto por colegas estudantes como também professores.
Conheci o Instituto através da professora Rosy, que atua ensinando língua inglesa para os alunos da instituição.
Atraves da professora Carla Reichmann
Através de uma professora da disciplina de estágio supervisionado 5.
por ouvir falar
Através da professora Rosycleia através do compartilhamento de suas experiências.

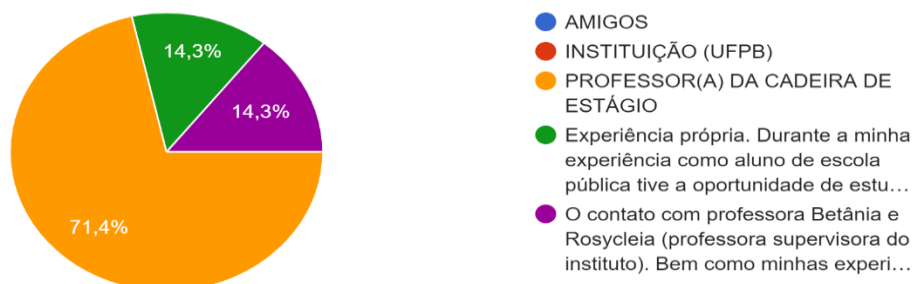
Fonte: Autoria própria (2019)

A imagem 09, acima, mostra que dos sete respondentes, cinco responderam que professores das cadeiras de Estágio foram os principais responsáveis pelo contato dos alunos com alunos cegos e com baixa visão no ICP. Dentro desta perspectiva de que o Estágio Supervisionado é a porta mais prática por onde este contato prévio pode acontecer, nós decidimos fazer a nossa pesquisa com alunos de Estágio Supervisionado que estagiaram no ICP com alunos cegos e com baixa visão.

Imagem 10 – Pergunta número 4 do questionário aplicado

### 4. O QUE TE MOTIVOU A ESTAGIAR COM ALUNOS CEGOS E COM BAIXA VISÃO?

7 respostas



Fonte: Autoria própria (2019)

A imagem 10 acima mostra a porcentagem da grande maioria sendo incentivada pelos professores de Estágio Supervisionado a trabalharem com a inclusão. Isso mostra, na prática, a importância do Estágio Supervisionado, assim como está na ementa do PPC de Letras Inglês (UFPB, 2018), que o Estágio não só é importante para a formação docente dos alunos de Letras Inglês, como também para uma formação mais adequada quanto às políticas de inclusão, onde aspectos de inclusão são viabilizados aos professores em formação.

Dentro da formação docente os alunos lidam com vários desafios diferentes, novas áreas de conhecimento, e também ciências distintas dentro da área de conhecimento da língua inglesa. Tantos objetivos diferentes oportunizam diferentes desafios e experiências, gerando, ao longo do curso, diferentes sentimentos ao lidar com as situações propostas na formação docente, assim como mostra a imagem do PPC de Letras Inglês (UFPB, 2018, p. 09) abaixo.

Imagem 11 – Objetivos do curso de Letras Inglês presente no PPC de Letras Inglês (UFPB)

#### **Objetivos do Curso**

A Licenciatura em Letras- Inglês, através de seu PPC, atendendo às recomendações da LDB (1996; 2013), da Resolução CNE/CP nº 02/2015 e do Parecer CNE/CP nº 01/2015, bem como da Portaria nº 280, de 30 de janeiro de 2002 (Exame Nacional do Curso de Letras), tem como objetivo geral promover a formação de docentes para a Educação Básica, cujas práticas estejam sintonizadas com as necessidades da sociedade.

Nesse sentido, o Curso de Letras-Inglês objetiva formar o/a aluno/a para:

- a) refletir criticamente sobre a linguagem como atividade cognitiva, sócio-histórica, cultural, estética, política e ideológica;
- b) promover práticas de multiletramento ao engajar-se discursivamente na língua estrangeira em suas modalidades verbais (oral e escrita) e não verbais, considerando os diferentes contextos de produção e circulação dos textos;
- c) desenvolver visão crítica das perspectivas teóricas nos campos da linguística, da literatura e do ensino de língua inglesa;
- d) apropriar-se de um repertório representativo das literaturas em Língua Inglesa, estabelecendo relações com produções culturais diversas;
- e) transpor didaticamente conhecimentos construídos durante a graduação para os diferentes níveis e modalidades da educação básica.
- f) desenvolver práticas investigativas na área de Língua, Linguística, Literatura e do ensino de Língua Inglesa;
- g) desenvolver e adequar metodologias, abordagens e ferramentas didático-pedagógicas a contextos específicos de ensino e aprendizagem na educação básica, articulando, para este fim, teoria e prática;
- h) construir sua identidade profissional de maneira pró-ativa, reflexiva e politicamente consciente para agir e transformar a realidade social na qual se está inserido/a;
- i) desenvolver atitudes e práticas inclusivas diante da diversidade social, cultural, física, étnica, etária, cognitiva, de gênero e de orientação sexual.

Esses objetivos serão considerados para o detalhamento do perfil do/a aluno/a egresso de Letras-Inglês.

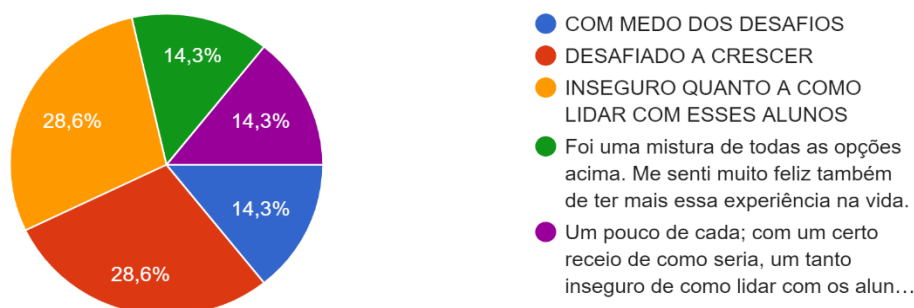
Fonte: PPC - Projeto Pedagógico do Curso de Letras Inglês (UFPB, 2018)

Enquanto estagiários, os alunos lidam com uma nova experiência de vida profissional, enquanto se adaptam aos novos conhecimentos, visando estarem melhor preparados para ministrar aulas. Contudo, quando os alunos lidam com alunos com deficiência, novos desafios se apresentam e esta experiência traz consigo sentimentos novos e propostas desafiadoras.

Imagem 12 – Pergunta número 5 do questionário aplicado

### 5. NO SEU PRIMEIRO DIA DE ESTÁGIO, COMO VOCÊ SE SENTIU?

7 respostas



Fonte: Autoria própria (2019)

Pensando neste estágio do contato prévio com alunos com deficiência visual, a pergunta número cinco buscou coletar os sentimentos dos alunos no período de Estágio no ICP. A imagem 12 traz uma amostragem dos sentimentos que são gerados nos primeiros contatos dos professores em formação com alunos cegos e com baixa visão. Os respondentes têm no questionário quatro opções diferentes de resposta: 1. COM MEDO DOS DESAFIOS, 2. DESAFIADO A CRESCER, 3. INSEGURO QUANTO A COMO LIDAR COM ESSES (alunos cegos e com baixa visão) ALUNOS e OUTRO (onde os respondentes poderiam adicionar uma resposta própria a pergunta). Quase sessenta por cento dos alunos se sentem inseguros ou com medo deste contato no início do estágio. Além disso, os demais respondentes, ainda que encorajados, também se sentiam desafiados. Lidar com alunos com deficiência não é uma tarefa fácil e os alunos se sentem assim por não existir nenhum tipo de política ou curso que os prepare para lidar com alunos com deficiência, ou cegos e com baixa visão no PPC antigo. No entanto, no novo PPC, que entrará em vigor ainda este ano, dentro da formação docente no curso de Letras

Inglês na UFPB, os alunos terão contato com inclusão de maneira teórica, como está nas ementas do PPC de Letras Inglês, mas para um contato prático com inclusão, os alunos devem se voluntariar a estagiar em instituições onde haja a educação inclusiva, como por exemplo, o ICP.

Como afirmado na fundamentação teórica desta pesquisa, não é “obrigatório” o contato com alunos com deficiência, logo nem todos irão se formar tendo a oportunidade de lidar com esses alunos. Quanto aos alunos do curso de Letras Inglês que estagiaram com os alunos com deficiência visual e que responderam o questionário desta pesquisa, aos recém-formados, estes estarão melhor capacitados a educar de maneira inclusiva alunos com deficiência visual, e os que estão ainda em formação, logo estarão prontos a também ensinar de maneira mais humanizada alunos com deficiência visual na educação básica regular.

Estes sentimentos gerados ainda na formação devido o contato prévio com alunos com deficiência proporciona uma otimização no ensino para escolas regulares, pois os professores que já passaram pelo processo de lidar com a educação inclusiva estarão melhor preparados para lidar com deficientes nas escolas regulares, enquanto que os demais professores, que não tiveram contato com alunos com deficiência, precisarão de formações ou reciclagens aprender a lidar com os alunos com deficiência nas salas de aula das escolas regulares.

Sobre a preparação dos professores que não tiveram acesso a inclusão durante a formação docente, Dantas (2014, p. 43) afirma que “os professores, ainda, não têm a *preparação* necessária, como aqueles da instituição especializada. A ética dos professores em lidar com alunos com deficiência visando a inclusão de maneira satisfatória é um desafio, desde que os professores são em grande maioria leigos a respeito da educação de forma inclusiva, conforme afirma Medrado “Todavia, o saber ético, em minha opinião, sobrepuja os demais na garantia do respeito legal a educação, ao conhecimento e à própria vida. Formar professores éticos é, a meu ver, nosso maior desafio” (2014, p. 27).

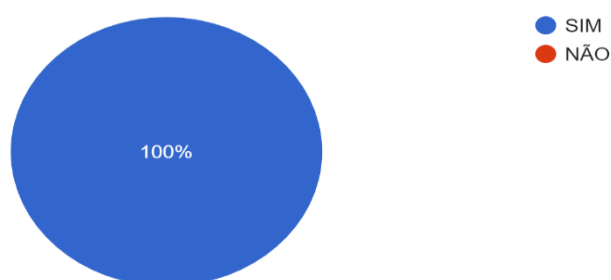
Como afirmado acima, os alunos que estagiam no ICP têm um contato prévio com alunos cegos e com baixa visão com melhor qualidade. Os alunos participam de maneira ativa das aulas de língua inglesa para os alunos cegos e com baixa visão. Os alunos participam das aulas de língua inglesa para deficientes visuais e isso traz empoderamento aos alunos, não só para o dia da regência deles para a cadeira de estágio, como também para a vida desses professores em formação

como futuros docentes. Estagiar e ministrar aulas por vários momentos diferentes no período do estágio traz aos professores em formação força e capacitação para lidar com os alunos cegos e com baixa visão. Este gesto de ceder aos alunos estagiários um espaço de crescimento nas aulas, por parte da professora supervisora, é essencial para que esse contato prévio seja eficiente e traga um crescimento real para os professores em formação. Esta experiência humaniza a formação docente dos professores em formação que têm contato com alunos cegos e com baixa visão.

Imagem 13 – Pergunta número 6 do questionário aplicado

#### 6. QUANDO ESTAGIOU NO INSTITUTO DE CEGOS DA PARAÍBA VOCÊ PARTICIPOU DAS AULAS DE MANEIRA ATIVA?

7 respostas



Fonte: Autoria própria (2019)

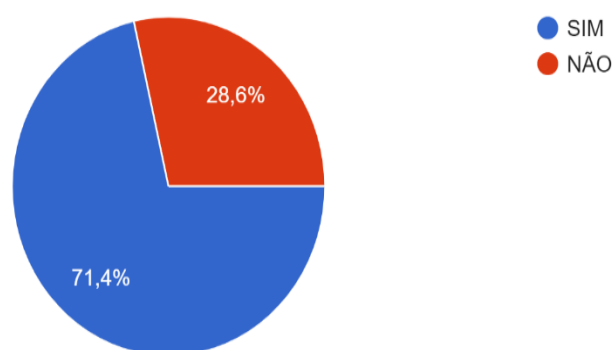
A Imagem 13 mostra que cem por cento dos respondentes teve essa participação ativa nas aulas. Hoje os respondentes recém-formados estão mais bem capacitados a ensinar de maneira mais humana e inclusiva nas escolas regulares, assim como brevemente os futuros professores que ainda estão em formação.

Dentro deste processo de aprendizagem dos professores em formação, eles tem acesso a várias maneiras de adaptar as aulas de língua inglesa. Dentro dessa perspectiva, os professores em formação aprendem a utilizar o Braille nas aulas através da adaptação de materiais didáticos ou do uso de materiais táteis com o Braille escrito nos materiais, pois o sistema do Braille proporciona aos alunos com deficiência visual maior independência tanto na leitura quanto na escrita, logo, proporciona a estes alunos cegos e com baixa visão uma autonomia ao se comunicar e interagir nas aulas de língua inglesa (INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT, 2015).

Imagem 14 – Pergunta número 7 do questionário aplicado

## 7. NA SUA REGÊNCIA VOCÊ UTILIZOU O BRAILLE?

7 respostas



Fonte: Autoria própria (2019)

O Braille não é a única maneira de dar aulas a alunos cegos e com baixa visão, contudo é a ferramenta principal para as aulas de língua inglesa serem bem sucedidas, de acordo com o que já foi afirmado nesta pesquisa pelo Instituto Benjamin Constant (2015, p. 01) o do uso do Braille nas aulas “[...] para a educação inclusiva é de grande importância para os educandos cegos que estejam incluídos”.

No questionário, a pergunta traz a tona a decisão pessoal de cada professor estagiário no momento da regência. Alguns alunos optaram por não utilizar o Braille. O Braille não resolve tudo, mas viabiliza uma melhor experiência de ensino tanto para os professores em formação quanto para os alunos do Instituto de Cegos a Paraíba desde que “o Braille é a forma de escrita a partir da qual o cego escreve e lê de forma independente” (INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT, 2015, p. 1).



Imagem 15 – Pergunta número 8 do questionário aplicado

## 8. QUAL FOI A IMPORTÂNCIA DO USO DO BRAILE EM SUA REGÊNCIA?

7 respostas

Foi fundamental. Minha aula tratava de países, visto que era ano de Copa do Mundo. Transformei a aula numa "viagem" por países participantes e por meio do Braille os alunos puderam ler e discutir sobre os países em questão.

Cheguei a utilizar um pouco de braille em algumas atividades durante o semestre porém na regência em si não utilizei, mais por não dominar bem o braille.

O braille se mostrou muito eficiente quando precisei trabalhar com textos mais extensos que precisava de uma atenção maior.

não usei braille

Muito importante. A escrita braille é indispensável no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita portanto se faz necessário o uso da mesma.

foi essencial para o estágio

Essencial, pois o uso deste código de escrita possibilitou a leitura independente pela maioria dos alunos. Ou seja, apesar de alguns alunos não utilizarem o sistema de escrita braille, os que sabem tem a oportunidade de fazerem leituras por si só, o que ocorreu na regência, diferente dos demais.

Fonte: Autoria própria (2019)

Assim como afirmado acima, o Braille tem sido um auxílio de grande importância para os professores em formação. A imagem 15, acima, mostra os relatos de como o Braille é importante para o ensino de língua inglesa para deficientes visuais. Veja o que disse o respondente 01, "Foi fundamental. Minha aula tratava de países, visto que era ano de Copa do Mundo. Transformei a aula numa "viagem" por países participantes e por meio do Braille os alunos puderam ler e discutir sobre os países em questão". Quando ele afirma que o Braille foi fundamental, reforça a importância do uso dessa ferramenta para facilitar e fortalecer o contato prévio entre professores em formação com os alunos cegos e com baixa visão. O respondente 06 também fortalece o uso desta ferramenta afirmando que o uso do Braille "foi essencial para o estágio".

Imagem 16 – Pergunta número 9 do questionário aplicado

### 9. SOBRE A SUA REGÊNCIA, QUAIS EXPERIÊNCIAS VOCÊ REPETIRIA OU NÃO EM SUAS AULAS (ERROS E ACERTOS)?

7 respostas

Minha memória não me permite lembrar exatamente tudo de como foi a aula. Mas lembro que obtive uma nota alta e por isso repetiria a base do que fiz. Provavelmente adicionaria mais participação minha na hora em que os alunos estavam "indo" de um país a outro.

Acho que o maior erro foi mais minha pressa com alguns pontos da aula, mais por causa do nervosismo no dia. Acerto foi que acreditei que consegui fazer a turma participar e ficar à vontade em sala. Lembro também que em uma das regências levei materiais que eles poderiam tocar. Acredito que seja um tipo de detalhe importante para esse alunado.

O respeito com a individualidade de cada aluno foi algo bastante exercido, pois, na sala de aula possuía alunos com mais de uma deficiência e foi necessária uma atenção especial para cada aluno. Porém, não repetiria o trabalho textos muito extensos o que acabou deixando os alunos bastante cansados e um pouco desmotivados.

Acredito que o uso de músicas para eles foi muito especial para mim, quanto para eles.

As atividades foram bem. Pensadas e elaboradas e até eficazes, porém não recomendaria o uso de textos longos em braille principalmente se o professor estagiário não domina.

eu deveria ter priorizado mais temas com forte apelo de inclusão social

Primeiramente, considerar, em todo tempo, a identidade sócio-cultural dos alunos, assim como as necessidades educacionais específicas de cada um deles. Acredito que ter achado que já sabíamos trabalhar foi um misstep na construção e planejamento da aula. Segundo considerar os diferentes níveis de leitura dos alunos, pois nem todos lêem na mesma passada. Último, porém não menos importante, saber ponderar entre conteúdos e transpor a realidade dos alunos, o que não fizemos, pois levamos um texto do perfil de uma guia turística do Canadá, quando ao invés, poderíamos ter usado um texto falando de um cego guia. No que diz respeito a atenção com os alunos, o toque, que se faz importante no processo, acredito termos acertado nesse aspecto, pois a professora supervisora e a chefe da disciplina nos elogiaram quanto a isso.

Fonte: Autoria própria (2019)

Os respondentes tiveram experiências diversas na regência. O respondente 01 fez a sua regência sobre países, e no momento da regência ele sentiu que deveria fazer algo diferente. “Provavelmente adicionaria mais participação minha na hora em que os alunos estavam "indo" de um país a outro”. Já o respondente 03 afirma “[..] a individualidade de cada aluno foi algo bastante exercido, pois, na sala de aula possuía alunos com mais de uma deficiência e foi necessária uma atenção especial para cada aluno. Porém, não repetiria o trabalho textos muito extensos o que acabou deixando os alunos bastante cansados e um pouco desmotivados”.

A experiência vivida pelo respondente 03 nos traz de volta a discussão sobre o uso do Braille como auxílio dentro das aulas de língua inglesa, onde os textos extensos não são favoráveis. O uso do Braille é essencial, contudo, o professor deve ter sensibilidade e entender a necessidade da turma que está ensinando, pois, os

alunos têm necessidades e peculiaridades diferentes. Sendo assim, é necessário entender o Braille como uma ferramenta, não como o centro das aulas de língua inglesa, pois o centro das aulas são os alunos cegos e com baixa visão.

Reafirmando o cuidado com textos longos nas aulas, trago o que disse o respondente 05, “As atividades foram bem pensadas e elaboradas e até eficazes, porém não recomendaria o uso de textos longos em Braille principalmente se o professor estagiário não domina”. O domínio do Braille não é uma obrigação para o professor, embora seja ótimo que o mesmo domine esse código. Contudo, os textos longos devem ser repensados para aulas de língua inglesa para a real necessidade dos deficientes visuais.

Além da experiência de estagiar com alunos com deficiência no ICP, a regência é uma das partes mais importantes do contato prévio dos professores em formação com os alunos cegos e com baixa visão. Na regência, os alunos aprendem a lidar com as necessidades educacionais especiais dos alunos na prática. Este processo de preparação das aulas para a regência são parte onde os professores-estagiários se capacitam para dar aulas inclusivas. O período de preparação é muito importante, pois é nele que os professores-estagiários pensam sobre a inclusão e como incluir os alunos de maneira favorável no processo ensino da língua inglesa para os alunos cegos e com baixa visão. O respondente 07 resume bem a preocupação que deve existir ao dar aulas a alunos cegos e com baixa visão:

Primeiramente, considerar, em todo tempo, a identidade sociocultural dos alunos, assim como as necessidades educacionais específicas de cada um deles. Acredito que ter achado que já sabíamos trabalhar foi um *misstep* na construção e planejamento da aula. Segundo considerar os diferentes níveis de leitura dos alunos, pois nem todos leem na mesma passada. Último, porém não menos importante, saber ponderar entre conteúdos e transpor a realidade dos alunos, o que não fizemos, pois levamos um texto do perfil de uma guia turística do Canadá, quando ao invés, poderíamos ter usado um texto falando de um cego guia.

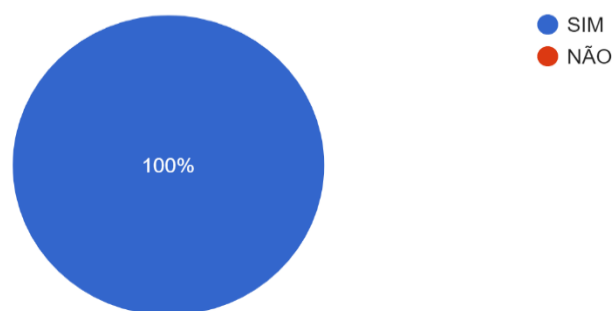
Estar preocupado em acessar a realidade dos alunos é muito importante, assim como entender as necessidades e buscar atendê-las nas aulas de língua inglesa. O fato de o conteúdo não ser o mais adequado para os alunos é algo a ser pensado, pois as aulas devem fazer sentido e falar na linguagem mais clara possível. O fato do respondente 07 destacar esse ponto não tão positivo na aula é muito proveitoso, pois fica claro que os professores em formação tem se importado

em pensar mais e melhor a realidade dos alunos em sala de aula. Assim como ele pontua, “um texto falando de um cego guia” seria muito mais proveitoso na regência.

Imagem 17 – Pergunta número 10 do questionário aplicado

10. VOCÊ ACREDITA QUE O ENSINO HETEROGÊNEO É UM DOS MELHORES CAMINHOS PARA UM ENSINO DE QUAL...ES OU CEGOS E COM BAIXA VISÃO?

7 respostas



Fonte: Autoria própria (2019)

Outro ponto por ele apontado é a necessidade de entender as limitações dos alunos e buscar pensar o ensino de maneira heterogênea. Esta fala do respondente 07 nos traz ao próximo ponto deste questionário: o ensino heterogêneo.

Sobre os alunos com deficiência e a necessidade do ensino heterogêneo, Borges (2010) afirma que a presença de alunos com deficiência nas escolas regulares mobiliza a escola de maneira a pensar na inclusão pedagógica dos alunos com deficiência de forma inclusiva. A presença dos alunos com deficiência impulsiona a escola ao ensino heterogêneo. Assim, a segregação deixa de existir nas escolas, onde não há salas específicas para deficientes. A escola passa a pensar de maneira inclusiva e traz o aluno deficiente para as salas de aula pensando em um ensino de qualidade para todos, por exemplo, pensar em aulas para cegos e com baixa visão juntos de alunos videntes.

O ensino heterogêneo tem sido um caminho de sucesso no ensino de alunos cegos e com baixa visão, assim como para alunos videntes ou com qualquer outra deficiência.

De acordo com Beyer, “[...] a Educação Inclusiva como um novo princípio educacional, tem como base a heterogeneidade nas classes regulares de ensino” (2006, p. 73). Ainda, segundo análises de Glat (2007), as escolas regulares

precisam ser instituições heterogêneas, no tocante ao ensino em sala de aula, pois a educação inclusiva é um modelo novo para as escolas regulares e isso tem que trazer às escolas regulares a conscientização de esses alunos devem permanecer nelas.

Como já afirmado nesse trabalho, o ensino heterogêneo viabiliza um novo jeito de ensinar alunos com deficiência para as escolas regulares. Como afirmado na fundamentação teórica desta análise, Glat (2007) analisa que a escola regular precisa repensar sua estrutura pedagógica, em favor de um novo meio pedagógico de ensino, através do ensino heterogêneo. A resposta unanime (imagem 17), por parte dos respondentes, fortalece a necessidade de se pensar em aulas heterogêneas. Ter um ensino heterogêneo é ter um ensino inclusivo e cidadão, pensando na humanização e agregação dos indivíduos envolvidos. Através do ensino heterogêneo todos têm vez e voz, o lugar é de todos e para todos.

Imagem 18 – Pergunta número 11 do questionário aplicado

## 11. COMO ESSA EXPERIÊNCIA FOI RELEVANTE PARA SUA FORMAÇÃO?

7 respostas

Foi fundamental visto que abriu meus horizontes e mostrou que todo tipo de aluno tem capacidade de absorver conteúdo quando feito da forma ideal. É uma experiência que recomendo a todo professor em formação.

Experiência no ICPAC foi grandiosa para minha graduação. Porque tanto me fez desafiou no lado profissional, por lidar com alunos com quem nunca tive experiência antes e a necessidade de me adequar a novos materiais e abordagens como também no lado pessoal, por conhecer o quanto a educação inclusiva é importante e necessária. Se possível fosse, acredito que deveria ser obrigatório que um dos estágios de nossa graduação fosse em um lugar como o ICPAC. Trabalhar a educação inclusiva é imprescindível para nosso cotidiano de professores.

Essa experiência impactou diretamente no meu eu profissional. Enxergar esse público que muitas vezes é invisibilizado pela sociedade me motivou a ser um professor inclusivo em sala de aula, para, assim, tentar respeitar as especificidade de cada aluno tendo ele deficiência ou não; além de me fazer me encontrar como pesquisador, realizando meu trabalho de conclusão de curso sobre essa experiência e a produção de outros trabalhos também oriundos desta.

Como professores nós aprendemos a usar muito a linguagem não-verbal para ajudar no entendimento com nossos alunos, sem precisar recorrer sempre para a língua mãe, mas com alunos cegos e com BV não temos essa carta na manga. Explicar sem gesticular foi difícil para mim no início, até na regência eu ainda usava um pouco, tentar encontrar outra maneira para ser entendida sem usar o português foi muito desafiador, porém foi gratificante ao mesmo tempo.

De tal forma que realizei uma pesquisa também com alunos deste instituto relacionando os impactos observados nas interações entre novos professores e alunos. Afirmando que essa experiência foi riquíssima e singular em relação ao vasto conteúdo e possibilidade de desenvolvimento enquanto futuro professor. Considero de grande aprendizado e meio de ampliarmos nossos horizontes na área de educação especial.

foi de grande importância para a minha formação como professor no que toca às peculiaridades de cada aluno.

Estar diante e participando de uma esfera educacional onde pessoas cegas e com baixa visão se encontram, me moldaram em um professor mais empático e me trouxeram conhecimento a respeito da realidade e vivência de muitos desses alunos, me fazendo perceber que a adaptação é positiva para alunos em geral, pois cada pessoa tem sua dificuldade interna.

Fonte: Autoria própria (2019)

As experiências que foram adquiridas e tudo que foi aprendido no período de estágio no ICP foi de grande importância. E estes relatos mostram, em resumo, a preocupação desta pesquisa, mostrar como contato prévio com os alunos cegos e com baixa visão é importante para a formação docente dos alunos de Letras Inglês.

O respondente 01 expõe a importância desse contato prévio para ele afirmando que “foi fundamental visto que abriu meus horizontes e mostrou que todo tipo de aluno tem capacidade de absorver conteúdo quando feito da forma ideal. É uma experiência que recomendo a todo professor em formação”. No fim da sua fala ele recomenda a experiência a todos os professores em formação, e esse convite se estende por toda esta pesquisa, desde que estamos mostrando o quão importante essa experiência é para os professores em formação.

Afirmou o respondente 02:

Experiência no ICP foi grandiosa para minha graduação. Porque tanto me desafiou no lado profissional, por lidar com alunos com quem nunca tive experiência antes e a necessidade de me adequar a novos materiais e abordagens como também no lado pessoal, por conhecer o quanto a educação inclusiva é importante e necessária. Se possível fosse, acredito que deveria ser obrigatório que um dos estágios de nossa graduação fosse em um lugar como o ICP. Trabalhar a educação inclusiva é imprescindível para nosso cotidiano de professores.

Ser desafiado no lado profissional e no lado pessoal é uma experiência de fato proveitosa, pois nos faz crescer como formador de ideias quanto como seres sociais. Essa experiência está carregada de grande crescimento, assim como afirmou o respondente 02.

As ementas do novo PPC de Letras Inglês trazem oportunidades de contato com a inclusão, como afirmado acima, contudo, os alunos precisam de mais contato com a inclusão, assim como também relata o respondente 02 quando afirma que deveriam existir disciplinas obrigatórias voltadas a inclusão.

As disciplinas optativas oportunizam este contato, contudo, como já afirmado acima, os alunos devem optar por estas disciplinas, elas não são parte do currículo obrigatório. Para ter um contato proveitoso com as reais necessidades educacionais dos alunos com deficiência, eles têm que cursar estas disciplinas sobre inclusão, estagiar com alunos com deficiência em centros especializados para deficientes ou

participar de projetos e programas que oportunizem este contato durante a formação.

A fala do respondente 03 traz uma contribuição relevante para esta pesquisa. Ele afirmou:

Essa experiência impactou diretamente no meu eu profissional. Enxergar esse público que muitas vezes é invisibilizado pela sociedade me motivou a ser um professor inclusivo em sala de aula, para, assim, tentar respeitar as especificidades de cada aluno tendo ele deficiência ou não; além de me fazer me encontrar como pesquisador, realizando meu trabalho de conclusão de curso sobre essa experiência e a produção de outros trabalhos também oriundos desta.

Assim como o respondente 03, do número total de vinte e sete estagiários que trabalharam no ICP, nove dos vinte e sete que estagiaram no Instituto concluíram suas formações com pesquisas dentro da área de inclusão para alunos com deficiência.

Toda esta experiência de contato com a educação inclusiva ainda na formação docente não só o incentivou como professor a pensar na escola regular como um lugar para a inclusão, mas também o fez concluir seu curso com um tema relacionado a esta área. Ainda mais, o respondente 05 também trabalhou com esta realidade, ele afirma “realizei uma pesquisa também com alunos deste instituto relacionando os impactos observados nas interações entre novos professores e alunos”. O tema de inclusão tem ganhado um espaço de importância também nas pesquisas e trabalhos científicos dos professores em formação.

Os horizontes que a educação inclusiva traz para a carreira do professor em formação é muito vasto. Esta experiência, embora desafiadora, oportuniza um crescimento profissional relevante aos professores em formação. O respondente 05 afirma que “essa experiência foi riquíssima e singular em relação ao vasto conteúdo e possibilidade de desenvolvimento enquanto futuro professor. Considero de grande aprendizado e meio de ampliarmos nossos horizontes na área de educação especial”.

O processo de formação docente se torna muito mais rico com este contato prévio. Como afirma o responde 07, o contato prévio não só faz crescer como docente, também molda o professor de maneira que o professor se torna “em um professor mais empático”, e este contato prévio também traz “conhecimento a

respeito da realidade e vivência de muitos desses alunos”. “[...] educandos com necessidades educacionais especiais” devem ter suas necessidades atendidas de maneira que a educação seja de qualidade para alunos cegos e com baixa visão (FADERS, 1999).

A falta de políticas públicas sempre deixou os deficientes à margem da sociedade, como afirma Borges (2010), e essa realidade deve ser mudada através da cidadania dentro das escolas, incluindo os deficientes.

Trabalhar a inclusão na educação básica regular é incluir estes alunos com deficiência de maneira adequada, inserir estes alunos num mundo que também é deles, a escola. Incluir é dar acesso de qualidade a educação. A inclusão precisa ser uma política importante na escola. Veremos a seguir como esta pesquisa conclui este tema.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão é um assunto que deve ter uma maior visibilidade dentro das escolas regulares. Esse processo de contato com os alunos cegos e com baixa visão é muito importante para a formação docente. A cidadania é parte do trabalho do professor em formação, tanto quanto dos docentes formados. Logo, não existe cidadania se não há inclusão dentro das salas de aula das escolas regulares.

Como afirmado anteriormente, o Instituto de Cegos da Paraíba é um grande auxílio, contudo as escolas regulares precisam estar prontas para a imersão dos alunos cegos e com baixa visão, dando a estes alunos uma acessibilidade eficiente.

As escolas não estão prontas a receber esses alunos, tão pouco os professores estão preparados para esses desafios. Como também afirmado no início deste trabalho, enquanto professores estagiários da extensão de inglês da UFPB, nós tivemos acesso a alunos com deficiência visual que nos fizeram enfrentar esses desafios e vencê-los. Esta experiência nos trouxe crescimento, temos um novo olhar cidadão, enxergamos hoje a educação como um agente social de inclusão do indivíduo independente de quem ele seja.

Ter alunos com deficiência não é dificuldade, é desafio, e vencer este desafio nos faz melhores professores. Alunos com deficiência devem ser visto como parte de um todo, não um efeito colateral negativo, como se eles fossem um defeito na sociedade. Este pensamento é ultrapassado e deve ser erradicado do vocabulário da escola regular, assim como do vocabulário os professores. Professores são símbolo de cidadania, e sendo assim devem ser o exemplo da inclusão. Não deve haver lugar para a segregação!

Pensando sobre os desafios que nós como professores enfrentamos, esta pesquisa não foi diferente, desafios surgiram e foram vencidos. Quando iniciamos o trabalho de pesquisa no início de 2018, trabalhamos o tema na disciplina de Inglês Avançado 1. Neste período nós decidimos que trabalharíamos este tema sobre a inclusão de alunos cegos e com baixa visão. Durante o ano de 2018, observamos aulas no Instituto de Cegos da Paraíba. A disposição da professora supervisora do ICP em nos aceitar como professor-observador nas suas aulas no Instituto de Cegos da Paraíba foi crucial para entendermos a importância desse contato prévio dos professores em formação ainda durante o curso de Letras Inglês.

Depois de concluir todas as análises, os objetivos da pesquisa foram alcançados. Primeiro contatamos as diversas formas de acesso ao contato com alunos com deficiência. Contudo, a maneira mais objetiva de ter acesso aos alunos com deficiência é através dos Estágios Supervisionados do Curso de Letras Inglês. Os professores de Estágio são de suma importância nesse processo, eles são os maiores precursores desse contato prévio com alunos com deficiência, pois eles têm sido os maiores incentivadores nessa decisão dos professores em formação ao decidir estagiar com alunos com deficiência. O contato dos professores em formação tem colaborado de maneira clara para a formação humanizada e mais bem preparada para lidar com a inclusão dentro das salas de aula da escola regular, colaborando de maneira relevante na formação docente dos alunos de letras inglês da UFPB.

Depois de entendermos o estágio como o caminho mais favorável para esta experiência, buscamos e encontramos a confirmação da importância desse processo de imersão com a inclusão através do Estágio Supervisionado. No processo do Estágio Supervisionado com alunos cegos e com baixa visão, o contato com materiais adaptados e também a transcrição de materiais adaptados para Braille trouxe aos professores-estagiários uma formação diferenciada, onde eles hoje são capacitados de maneira bem mais adequada ao ensino inclusivo para alunos cegos e com baixa visão.

A experiência de lidar com deficientes transformou a formação docente dos professores em formação que trabalharam com esse contato prévio com alunos com deficiência. Os profissionais em formação são uma realidade diferente. A preocupação de Medrado (2014) em formar professores éticos se torna aos poucos uma realidade. O contato muda a vida profissional dos professores, gera um impacto positivo na formação deles. Com formações mais éticas e humanizadas, a cidadania e a inclusão serão asseguradas na educação básica. Estas experiências de contato prévio mudam a realidade das escolas básicas regulares e traz um novo jeito de ensinar cidadania.

Os professores em formação estão sendo de uma forma mais adequada preparados para a educação básica regular. Todos os professores em formação que se dispõem a estar em contato com alunos cegos e com baixa visão, ainda na formação docente, estarão de maneira favorável adaptados a esta realidade da inclusão dentro das escolas regulares.

Concluída esta pesquisa, entendemos a importância deste trabalho para futuros projetos de pesquisa. Este material aqui disponível serve como embasamento para futuros trabalhos sobre inclusão de alunos cegos e com baixa visão que porventura venhamos desenvolver no futuro. Também temos esta pesquisa como importante para futuros trabalhos de outros professores em formação que queiram também trabalhar com a inclusão de alunos cegos e com baixa visão.

## REFERÊNCIAS

BEYER, H. O. Da integração escolar à educação inclusiva: implicações pedagógicas. In: BAPTISTA, C. R. (Org.) **Inclusão e Escolarização: múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

BORGES, Priscilla. Inclusão de deficientes visuais em escolas ainda é desafio. **Último Segundo**. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/inclusao-de-deficientes-visuais-em-escolas-ainda-e-desafio/n1237814761824.html>>. Acesso em: 15 de março de 2019.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em: 5 de outubro de 1988. Art. 205 e 206. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 15 de março de 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei nº. 7.853, de 24 de outubro de 1989**. Dispõe sobre apoio as pessoas portadoras de deficiência, sua integração social. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7853.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7853.htm)>. Acesso em: 15 de março de 2019.

\_\_\_\_\_. **Resolução CE/CBE nº 2, de 11 de setembro de 2001**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 15 de março de 2019.

INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT. **A importância do sistema Braille para a educação inclusiva**. Disponível em: <[http://www.ibc.gov.br/images/conteudo/DTE/DDI/Boletins\\_Centro\\_de\\_Estudos/2015/boletim-jan-fev.pdf](http://www.ibc.gov.br/images/conteudo/DTE/DDI/Boletins_Centro_de_Estudos/2015/boletim-jan-fev.pdf)>. Acesso em: 15 de março de 2019.

CULAU, Juliana; FONTANA, Marcus. **Revelando Barreiras Invisíveis Na UFSM: o papel das tecnologias assistivas no auxílio à acessibilidade de pessoas com deficiência visual**. In: *Anais do XII Seminário Internacional em Letras*. Santa Maria: UNIFRA, 2012.

DANTAS, Rosycléa. A proposta educacional inclusiva: aspectos da legislação. In: MEDRADO, Betânia Passos (Org.). **Deficiência visual e ensino de línguas estrangeiras: políticas, formação e ações inclusivas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014

FADERS. **Convenção da Guatemala, de 28 de maio de 1999**. Disponível em: <<http://www.faders.rs.gov.br/legislacao/6/29>>. Acesso em: 10 de junho de 2018.

FONTANA, Marcus. Novas tecnologias e novos olhares: um caminho para a inclusão de pessoas com deficiência visual. In: MEDRADO, Betânia Passos (Org.). **Deficiência visual e ensino de línguas estrangeiras: políticas, formação e ações inclusivas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014

GLAT, R. **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2003/ep145/pesq.htm>>. Acesso em: 20 de março de 2019.

MEDRADO, Betânia Passos. Diálogos, ações e desafios: os caminhos de um Projeto de pesquisa. In: MEDRADO, Betânia Passos (Org.). **Deficiência visual e ensino de línguas estrangeiras: políticas, formação e ações inclusivas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014

JORNAL PARAÍBA. **Capital tem mais de 18 mil alunos com deficiência na rede**. Disponível em: <[http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida\\_urbana/capital-tem-mais-de-18-mil-alunos-com-deficiencia-na-rede.html](http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/capital-tem-mais-de-18-mil-alunos-com-deficiencia-na-rede.html)>. Acesso em: 10 de junho de 2018.

UFPB. **PRAC/COPAC divulga a Programação das Tertúlias do XVIII ENEX 2017 Campus I**. Disponível em: <<http://www.prac.ufpb.br/prac/contents/noticias/copac/prac-copac-divulga-a-programacao-das-tertulias-do-xviii-enex-2017-campus-i>>. Acesso em: 15 de março de 2019.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 53/2018, de 07 de junho de 2018**. Disponível em: <[http://www.cchla.ufpb.br/ccl/contents/documentos/ppc\\_letras-ingles\\_resconsepe\\_53-2018.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/ccl/contents/documentos/ppc_letras-ingles_resconsepe_53-2018.pdf)>. Acesso em: 15 de março de 2019.